



BÍSARO
Fernando Brizio



BUTTERFLY
Sori Yanagi

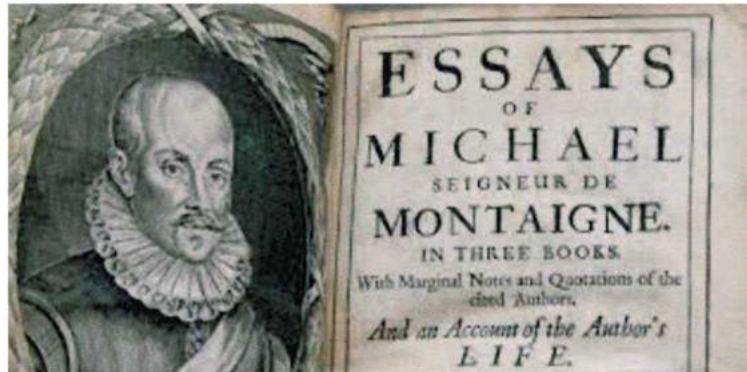
A espera num banco é dura. É um dos primeiros artefactos que criámos para nos sentarmos. O mais simples de todos. É verdadeiramente ergonómico, mas nem sempre confortável. Seja como for, cumpre a sua função maravilhosamente, a sua beleza vem daí.



STANLEY
De La espada / Luca Nichetto



CAPRI
Olaio
Individuais ou para várias pessoas, os sofás devem ser, por definição, confortáveis e permitir relaxar. Em cima dois exemplos de companhias portuguesas.



O design da espera

O que Montaigne nos desafia a fazer é encararmos a espera como modo de exploração pessoal

Poucas leituras se recomendarão tanto, nestes tempos que correm, como a de Montaigne.

Confinado a uma torre por escolha própria, isolado do mundo em Março de 1571, Michel de Montaigne recusou a vivência mundana e social e optou por se recolher a um espaço limitado, pese embora rodeado por todas as regalias que um nobre francês tinha na altura, para, ao escrever sobre ele próprio, escrever sobre todos nós. Os seus ensaios são de uma inteligência, sinceridade, profundidade e perspicácia raras. Todos se adequam ao que encaramos agora, pois é sobre a natureza humana que Montaigne escreve e é a natureza humana, em muitos dos seus aspectos, que está a ser colocada em causa com este vírus. Há um ensaio, no entanto, particularmente indicado, a que deu o título “De Três Espécies de Convivências” e que inicia dizendo “Não nos devemos apegar assim tão fortemente às nossas tendências e temperamento. O nosso talento principal é sabermos aplicar-nos a práticas diversas. O estar vinculado, e necessariamente obrigado, a um único estilo de vida não é viver, é ser. As almas mais belas são as que têm mais variedade e flexibilidade.”

Montaigne autocolocou-se em confinamento, nós fomos colocados em casa por um vírus. Estamos literalmente em tempo de espera, algo relativamente

estranho para nós, obcecados por movimento e acção física, de preferência visível pelos outros, que associamos desde há muito a produção e eficiência. O ditado “É melhor esperar sentado” sempre nos alertou sobre o tempo que esta não-acção pode consumir, sendo que o “Quem espera sempre alcança” sublinha a resiliência deste comportamento.

O que Montaigne nos desafia a fazer, neste tempo em que estamos obrigados a aguardar, é encararmos a espera como modo de exploração pessoal. Como forma de reinvenção. Como modo de testar o que somos e podemos ser, fazendo-nos sair da nossa zona de conforto, desapergarmos-nos daquilo que fomos.

Associados à ideia de espera existem inúmeros artefactos que o ser humano foi produzindo ao longo dos séculos. Olhamos, seguramente, de modo diferente para os que encontramos nas nossas casas, desenhados ou não no século XXI, durante este já mês inteiro de quarentena. Provavelmente muitos de nós terão já reinventado os usos dos mesmos. No seu âmago, simbólica e funcionalmente, mesmo os artefactos da espera são possibilidades de acção. O que decidimos fazer — com eles e connosco — durante este aparente não-tempo é que vai contar. ●

Guta Moura Guedes escreve de acordo com a antiga ortografia



CADEIRA LOUNGE LINHA PRESTÍGIO
Daciano da Costa



PORTUGUESE ROOTS
Alexandre Caldas

Às cadeiras já se solicitam mais funções e detalhes. O conforto e o ajuste ao corpo, nomeadamente, às costas, são uns deles. Estofadas ou não, são das peças mais difíceis de desenhar.



MALM
IKEA/ Eva Lilja Löwenhielm



COLCHÃO DE MOLAS
Molaflex

Dormir contará como tempo de espera? O certo é que muitos de nós passamos as noites em branco, deitados em camas desenhadas para descansar.